

Visão

14-02-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 132725

Temática: Sociedade

Dimensão: 4811 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 36 a 45

O GRANDE ARMÁRIO VATICANO

POR FRÉDÉRIC MARTEL

Depois de uma investigação de quatro anos em que falou com mais de mil pessoas, o jornalista francês relata, num livro-bomba, o que descobriu sobre uma das maiores comunidades homossexuais do mundo, dentro da Santa Sé, onde os cardeais vivem uma vida dupla. A VISÃO faz a pré-publicação exclusiva em Portugal do prólogo e de alguns excertos desta obra que será lançada em mais de 20 países, a partir de 21 de fevereiro – o dia em que o papa Francisco se reúne com os cardeais e bispos para debater os abusos sexuais

Visão

14-02-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

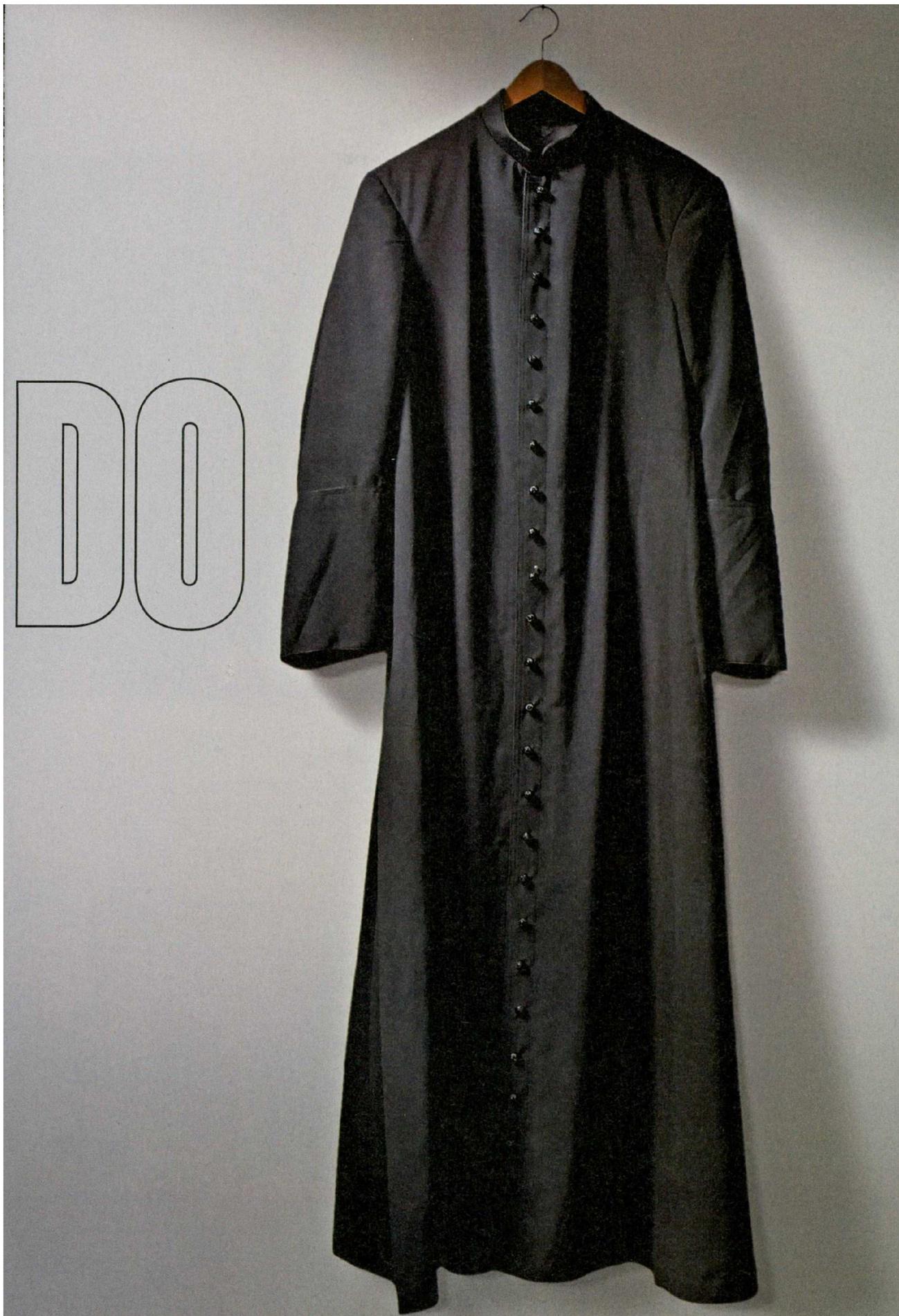
Tiragem: 132725

Temática: Sociedade

Dimensão: 4811 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 36 a 45



– É membro da paróquia – sussurra-me o prelado, ao ouvido, com uma voz de conspirador.

O primeiro a usar, perante mim, esta expressão codificada é um arcebispo da cúria romana.

– Sabe, é muito praticante. É membro da paróquia – insistiu em voz baixa, falando-me dos hábitos de um célebre cardeal do Vaticano, antigo “ministro” de João Paulo II, que conhecemos bem, tanto ele como eu.

Antes de acrescentar:

– E se lhe contasse o que sei, não ia acreditar!

E, é claro, falou.

Vamos cruzar-nos várias vezes, neste livro, com esse arcebispo, o primeiro de uma longa série de padres que me desprezaram a realidade que eu pressentia, mas que muitos tomarão como uma ficção. Um conto de fadas.

– O problema é que, se disser a verdade sobre o “armário” e as amizades particulares no Vaticano, não vão acreditar em si. Dirão que é inventado, porque, aqui, a realidade ultrapassa a ficção – confiou-me um padre franciscano que, também, trabalha e vive no interior do Vaticano, há mais de trinta anos.

No entanto, foram muitos os que me desprezaram esse “armário”. Alguns ficaram inquietos em relação ao que eu ia divulgar. Outros revelaram-me os segredos, sussurrando, e depois, em breve e em voz alta, os escândalos. Outros ainda mostravam-se loquazes, demasiado loquazes, como se tivessem esperado muitos anos para sair do silêncio. Mais de uma quarentena de cardeais e centenas de bispos, de *monsignori*, de padres e de “núncios” (os embaixadores do papa) aceitaram encontrar-se comigo. Entre eles, alguns homossexuais assumidos, presentes todos os dias no Vaticano, fizeram-me penetrar no seu mundo de iniciados.

Segredos de polichinelo? Boatos? Maledicências? Sou como São Tomé: preciso de ver para crer. Assim, tive de fazer uma longa investigação e viver em imersão na Igreja. Instalei-me em Roma, uma semana por mês, vivendo regularmente no interior do Vaticano graças à hospitalidade de altos prelados que, por vezes, se revelava serem também membros “da paróquia”. E, em seguida, viajei por mais de trinta países, entre os cleros da América Latina, da Ásia, dos Estados Unidos ou do Médio Oriente, para recolher acima de um milhar de testemunhos. Durante essa longa investigação, passei perto de cento e cinquenta noites por ano em reportagem, fora de casa, fora de Paris.

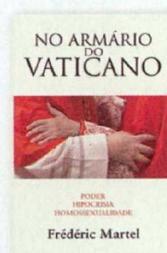
Nunca, durante esses quatro anos de investigação, escondi a minha identidade de escritor, de jornalista e de investigador para abordar cardeais e padres, por vezes inacessíveis. Todas as entrevistas foram realizadas com o meu nome verdadeiro e bastava aos meus interlocutores fazerem uma breve pesquisa no Google, Wikipédia, Facebook ou Twitter para conhecerem os pormenores da minha biografia de escritor e repórter. Amiúde, esses prelados, pequenos e grandes, tentaram engatar-me recatadamente e alguns, muito pouco contrafeitos, ativa ou mais intensamente. Isso faz parte dos riscos da profissão!

Porque é que estes homens, habituados a manter o silêncio, aceitaram quebrar a *omertà*? É um dos mistérios deste livro e a sua razão de ser. O que me disseram foi durante muitos anos indizível. Uma obra como esta dificilmente seria publicável há vinte ou apenas há dez anos. Durante muito tempo, os caminhos do Senhor permaneceram, se me é permitido dizê-lo, impenetráveis. Atualmente são menos, porque a demissão de Bento XVI e a vontade de reforma



Um ativista contra o Vaticano

O livro, que será lançado em 23 países além de Portugal, resultou de uma investigação de quatro anos por mais de 30 países do jornalista e sociólogo francês Frédéric Martel, autor de nove obras como *De la Culture en Amérique* (Gallimard, 2006), *Mainstream* (Flammarion, 2010), e *Smart, Enquête sur les Internets* (Stock, 2014). Martel, homossexual assumido, tornou-se conhecido exatamente pelos seus livros e ensaios sobre o movimento gay francês e a cultura norte-americana contemporânea. O autor de *No Armário do Vaticano* é ainda investigador universitário associado a universidades em França e na Suíça. Aos 51 anos, vive em Paris, mas viaja regularmente pelo mundo.



No interior do Vaticano Nas salas do Palácio Apostólico, protegido por guardas suíços, costuma reunir-se a elite da Igreja Católica



ALESSANDRA BENEDETTI - CORBIS/GETTYIMAGES

do papa Francisco contribuíram para libertar a palavra. As redes sociais, a ousadia acrescida da imprensa, e os inúmeros escândalos de “costumes” eclesiais tornaram possível, e necessário, revelar esse segredo, hoje em dia. Como tal, este livro não visa a Igreja em geral, mas um “género” particular de comunidade gay; conta a história da componente maioritária do colégio cardinalício e do Vaticano.

Muitos cardeais e prelados que oficiam na cúria romana, a maioria dos que se reúnem em conclave sob os frescos da Capela Sistina, pintada por Miguel Ângelo – uma das cenas mais imponentes da cultura gay, povoada de corpos viris, rodeados pelos Ignudi, esses robustos efebos desnudados –, partilham as mesmas “inclinações”. Parecem uma “família”. Com uma referência mais disco queen, um padre segredou-me: “We are family!”

A maior parte dos *monsignori* que usaram da palavra na varanda da Loggia de São Pedro, entre o pontificado de Paulo VI e o de Francisco, para anunciar tristemente a morte do papa ou lançar, com uma franca alegria, *Habemus papam!*, têm um mesmo segredo em comum. *È bianca!*

Sejam eles “praticantes”, “homófilos”, “iniciados”, “unstraights”, “mundanos”, “versáteis”, “questioning”, “closeted” ou estejam simplesmente “no armário”, o mundo que descubro, com as suas cinquenta sombras de gay, está para lá do entendimento. A história íntima desses homens, que projetam uma imagem de piedade, em público, e levam uma outra vida privada, tão diferentes entre si, é uma meada difícil de desemaranhar. As aparências de uma instituição talvez nunca tenham sido tão enganadoras, e enganadoras são também as profissões de fé sobre o celibato e os votos de castidade que escondem uma realidade totalmente diferente.

O segredo mais bem guardado do Vaticano não é segredo para o papa Francisco, que conhece a sua “paróquia”. Quando da sua chegada a Roma, compreendeu que tinha de se haver com uma corporação bastante extraordinária no seu género e que não está limitada, como se julgou durante muito tempo, a algumas ovelhas tresmalhadas. Trata-se de um sistema; e de um rebanho bem vasto. Quantos são? Não importa. Afirmemos apenas: representam a grande maioria.

De início, é claro, o papa ficou surpreendido com a grande dimensão desta “colónia maledicente”, com as suas “qualidades encantadoras” e os seus “insuportáveis defeitos”, de que fala o escritor francês Marcel Proust no seu célebre *Sodoma e Gomorra*. Mas o que é insuportável para Francisco não é tanto essa homofilia tão espalhada como a hipocrisia vertiginosa dos que pregam uma moral estreita, ao mesmo tempo que têm um companheiro, aventuras e, por vezes, acompanhantes pagos. Eis a razão pela qual fustiga sem descanso os falsos devotos, os santarrões, os beatos falsos. Francisco denunciou amiúde, nas suas homilias matinais de Santa Marta, essa duplicidade, essa esquizofrenia. A sua fórmula merece ser posta em destaque neste livro: “Por detrás da rigidez, há sempre qualquer coisa escondida; em inúmeros casos, uma vida dupla.”

Vida dupla? As palavras foram proferidas e, desta vez, a testemunha é irrefutável. Francisco repetiu com frequência essas críticas a propósito da cúria romana: apontou com o dedo os “hipócritas” que levam “vidas escondidas e amiúde dissolutas”; aqueles que “maquilham a alma e vivem de maquilhagem”; a “mentira” erigida em sistema que provoca “muita dor, a hipocrisia provoca muita dor: é uma maneira de viver”. Façam o que eu digo, mas não o que eu faço!

Será necessário dizer que Francisco conhece aqueles a quem se dirige deste modo sem os nomear: cardeais, mestres de cerimónias papais, antigos secretários de Estado, substitutos, minutadores ou camerlengos. Na maior parte dos casos, não se trata apenas de uma inclinação difusa, de uma certa fluidez, de homofilia ou de “tendências”, como se dizia na época, nem sequer de sexualidade reprimida ou sublimada, todas elas também frequentes na Igreja de Roma. Muitos desses cardeais que “não amaram mulheres, apesar de cheios de sangue!”, como disse o Poeta, são praticantes. Que voltas dou para dizer coisas tão simples! Que, ontem tão chocantes, são hoje tão banais!

Praticantes, certamente, mas ainda “no armário”. É inútil apresentar-lhes aquele cardeal que aparece em público na varanda da Loggia e que foi apanhado num caso, rapidamente abafado, de prostituição; ou o outro cardeal francês que teve, durante muito tempo, um amante anglicano na Europa; ou ainda aqueloutro que, no tempo da sua juventude, foi

PORQUE É QUE ESTES HOMENS, HABITUADOS A MANTER O SILÊNCIO, ACEITARAM QUEBRAR A “OMERTÀ”? É UM DOS MISTÉRIOS DESTE LIVRO

desafiando aventuras como uma freira desfia as contas do seu rosário; sem esquecer aqueles que encontrei nos palácios do Vaticano e que me apresentaram o seu companheiro como sendo o seu assistente, o seu minutor, o seu substituto, o seu motorista, o seu criado de quarto, o seu factótum, ou até o seu guarda-costas!

O Vaticano tem uma comunidade homossexual que se conta entre as mais elevadas do mundo e duvido que mesmo no Castro de São Francisco, esse bairro gay tão emblemático, hoje em dia mais misturado, haja tantos homossexuais!

No caso dos cardeais mais velhos, este segredo tem de ser procurado no passado: a sua juventude tempestuosa e os seus anos brejeiros, antes da libertação gay, explicam a sua vida dupla e a sua homofobia à antiga. Ao longo da minha investigação, tive frequentemente a impressão de voltar atrás no tempo e encontrar-me nas décadas de 1930 ou 1950, que desconheço, com aquela mentalidade dupla de povo eleito e povo maldito, o que fez dizer a um dos padres com quem me encontrei frequentemente: “Bem-vindo a Sodoma!”

Não sou o primeiro a evocar este fenómeno. Vários jornalistas já revelaram escândalos e casos no seio da cúria romana, mas o tema da minha obra não é esse. Ao contrário desses vaticanistas, que denunciam “derivas” individuais, mas ocultam o “sistema”, é preferível preocuparmo-nos menos com os casos desagradáveis do que com a vida dupla muito banal da maior parte dos dignitários da Igreja. Deixando de lado as exceções e centrando-nos no sistema e no modelo, “the pattern”, como dizem os sociólogos americanos. Nos pormenores, certamente, mas também nas grandes leis – e haverá, como veremos, catorze regras gerais neste livro. O tema é a sociedade íntima dos padres, a sua fragilidade e o seu sofrimento ligado ao celibato forçado, transformados em sistema. Não se trata, portanto, de julgar esses homossexuais, mesmo quando ainda se encontram no armário – Gosto bastante deles! – mas sim de compreender o seu segredo e o seu modo de vida coletivo. O que está em questão não é denunciar esses homens, nem submetê-los a um “outing” em vida. O meu projeto não é o “name and shame”, essa prática americana que consiste em tornar públicos os nomes para os expor. Que fique bem claro que, para mim, um padre ou um cardeal não deve ter a menor vergonha de ser homossexual; penso mesmo que deveria ser um estatuto social possível, entre outros.

Todavia, impõe-se a necessidade de divulgar um sistema construído, desde os mais pequenos seminários até ao santo dos santos – o colégio cardinalício –, simultaneamente,

**A “CULTURA DO
 SEGREDO” PERMITIU
 QUE OS ABUSOS
 SEXUAIS FOSSEM
 ESCONDIDOS E
 OS PREDADORES
 BENEFICIASSEM DESSE
 SISTEMA DE PROTEÇÃO**



a vida dupla homossexual e a mais vertiginosa homofobia. Cinquenta anos depois de “Stonewall”, a revolução gay nos Estados Unidos, o Vaticano é o último bastião a libertar. Muitos católicos têm agora a intuição desta mentira, sem ainda terem podido ler a descrição deste livro.

Sem esta grelha de leitura, a história recente do Vaticano e da Igreja romana fica opaca. Ao ignorarmos a dimensão largamente homossexual, privamo-nos de uma das principais chaves de compreensão da maior parte dos factos que mancharam a história do Vaticano de há várias décadas a esta parte: as motivações secretas que animaram Paulo VI a confirmar a proibição da contraceção artificial, o repúdio do preservativo e a obrigação estrita do celibato dos padres; a guerra contra a “teologia da libertação”; os escândalos do banco do Vaticano na época do célebre arcebispo Marcinkus, também ele homossexual; a decisão de proibir o preservativo como meio de luta contra a SIDA, no preciso momento em que a pandemia ia fazer mais de trinta e cinco milhões de mortos; os casos VatiLeaks I e II; a misoginia recorrente, e amiúde insondável, de inúmeros cardeais e bispos; a demissão de Bento XVI; a fronda atual contra o papa Francisco... De cada uma dessas vezes, a homossexualidade desempenha um papel central que muitos adivinham, mas que nunca foi contado verdadeiramente.

A dimensão gay não explica tudo, é claro, mas é uma chave de leitura decisiva para quem quiser compreender o Vaticano e as suas posturas morais. Podemos partir também da hipótese, embora não seja esse o tema deste livro, de que o lesbianismo é uma importante chave de compreensão da vida dos conventos, das religiosas em clausura ou não, das irmãs e das freiras. Por fim – infelizmente –, a homosse-

**Cúria Bispos e cardeais juntos
nas sala Clementina, durante
a última época natalícia**



VATICAN POOL / GETTY IMAGES

xualidade é também uma das chaves de explicação do encobrimento institucionalizado de crimes e delitos sexuais que hoje em dia se contam às dezenas de milhar. Porquê? Como? Porque a “cultura do segredo” que era necessária para manter o silêncio sobre a forte pregnância da homossexualidade na Igreja permitiu que os abusos sexuais fossem escondidos e os predadores beneficiassem desse sistema de proteção sem o conhecimento da instituição – embora a pedofilia também não seja o tema deste livro.

“Quantas máculas na Igreja”, disse o cardeal Ratzinger, que também descobriu a dimensão do “armário” quando de um relatório secreto de três cardeais, cujo conteúdo me foi descrito, e que constituiu uma das principais razões da sua demissão. Esse relatório mencionaria menos a existência de um “lóbi gay”, como foi dito, do que a omnipresença dos homossexuais no Vaticano, as chantagens, os assédios erigidos em sistema. Existe realmente, como diria Hamlet, algo podre no reino do Vaticano.

A sociologia homossexual do catolicismo também permite explicar uma outra realidade: o fim das vocações. Durante muito tempo, como veremos, os jovens italianos que descobriam que eram homossexuais, ou tinham dúvidas quanto às suas inclinações, escolhiam o sacerdócio. Assim, esses párias tornavam-se iniciados e transformavam uma fraqueza em força. Com a libertação homossexual da década de 1970 e a socialização gay da de 1980, as vocações católicas secaram naturalmente. Hoje em dia, um adolescente gay tem outras opções, mesmo em Itália, para além de receber ordens. O fim das vocações tem causas múltiplas, mas a revolução homossexual é, paradoxalmente, uma das suas principais forças motrizes.

Esta matriz explica, por fim, a guerra contra Francisco. Neste caso, para compreendermos, temos de ser contrainstituitivos. Este papa latino-americano foi o primeiro a utilizar a palavra “gay” – e não apenas a palavra “homossexual” – e podemos considerá-lo, se o compararmos com os seus antecessores, o mais gay-friendly dos sumos pontífices modernos. Houve palavras cuidadosamente escolhidas sobre a homossexualidade: “Quem sou eu para julgar?” E podemos assumir que este papa não tem nem as tendências nem a inclinação que foram atribuídas a quatro dos seus predecessores recentes. Todavia, Francisco é alvo, hoje em dia, de uma violenta campanha levada a cabo, em virtude precisamente do seu pretensão liberalismo quanto às questões de moral sexual, pelos cardeais conservadores que são muito homófobos – e, na sua maioria, secretamente homófilos.

Em parte, o mundo do avesso! Podemos dizer até que há uma regra não escrita que se verifica quase sempre neste livro: quanto mais homóforo é um prelado, mais possibilidades existem de ser homossexual. Esses conservadores, esses tradicionalistas, esses “dubia”, são, em muitos casos, os famosos “rígidos que levam uma vida dupla”, de que Francisco fala tão amiúde.

“O carnaval acabou” teria dito o papa ao seu mestre de cerimónia, no preciso momento da sua eleição. Em seguida, o argentino veio abalar os jogos de convivência e de fraternidade homossexuais que se desenvolveram às escondidas desde Paulo VI, se ampliaram sob João Paulo II, antes de se tornarem ingovernáveis sob Bento XVI, precipitando eventualmente a sua queda. Com o seu ego tranquilo e a sua relação serena com a sexualidade, Francisco destoa. Não é da paróquia!

O papa e os seus teólogos liberais deram-se conta de que o celibato dos padres falhara? Que se tratava de uma ficção que quase nunca existe na realidade? Adivinharam que a batalha lançada pelo Vaticano de João Paulo II e Bento XVI contra os gays era uma guerra perdida de antemão? E que agora se virava contra a Igreja à medida que cada um se apercebia das motivações reais: uma guerra levada a cabo por homossexuais que se encontravam dentro do armário contra gays declarados! Uma guerra entre gays, em suma.

Extraviado nesta sociedade maledicente, Francisco está, no entanto, bem informado. Os seus assistentes, os seus colaboradores mais próximos, os seus mestres de cerimónias e peritos em liturgia, os seus teólogos e os seus cardeais, onde os gays são também a maioria, sabem que, no Vaticano, a homossexualidade inclui, simultaneamente, muitos dos chamados e muitos dos escolhidos. Eles sugerem mesmo, quando os interrogam, que, ao proibir que os padres se casem, a Igreja se tornou sociologicamente homossexual; e ao impor uma continência contranatura e uma cultura do segredo é responsável, em parte, pelas dezenas de milhar de abusos sexuais que a minam do interior. Sabem também que o desejo sexual, e principalmente o desejo homossexual, é um dos principais motores e móveis da vida do Vaticano.

Francisco sabe que tem de fazer evoluir as posições da Igreja e que só conseguirá fazê-lo pagando o preço de uma luta sem tréguas contra todos os que utilizam a moral sexual e a homofobia para esconder as suas hipocrisias e as suas vidas duplas. Mas aí está: esses homossexuais escondidos são maioritários, poderosos e influentes e, no caso dos mais “rígidos”, muito ruidosos nas suas posições homofóbicas.

Eis o papa: ameaçado, atacado por todos os lados e geralmente criticado. Francisco, disse-se, está “entre os lobos”.

Isso não é exatamente verdade: ele encontra-se entre as malucas.

SEIS SEGREDOS FORA DO ARMÁRIO

Excertos de quatro capítulos

PORQUE FALAM OS PADRES?

Toda a gente faz confidências em Roma, os padres, os guardas suíços, os bispos, os inúmeros *monsignori* e, ainda mais do que os outros, os cardeais. Uns verdadeiros tagarelas! Todas essas eminências e essas excelências são muito faladoras, se soubermos como proceder, por vezes beirando a logorreia e, em todos os casos, a imprudência. Cada um tem as suas razões: para uns, é por convicção, para participar na batalha ideológica feroz que se trava agora no seio do Vaticano, entre tradicionalistas e liberais; para os outros, é pela sede de influência e, reconhecemos, por vaidade. Finalmente, outros ainda desabafam por azedume, por gosto pela maledicência e o mexerico. Os velhos cardeais só vivem através dos ditos de comadres e da difamação. Lembram-me os clientes habituais dos clubes homófilos e dúbios da década de 1950 que troçavam cruelmente de toda a gente, mundanos e venenosos, porque não assumiam a sua natureza. O “armário” é a sede da crueldade mais inverosímil.

A ATRAÇÃO PELA IGREJA

No retrato antigo, um pouco amarelecido, que me mostra, o cabeção é brilhante, de um branco de giz sobre a sotaina negra: Francesco Lepore acabou de ser ordenado padre. Tem o cabelo curto bem penteado e o rosto barbeado; o contrário de hoje em que ostenta uma barba generosa e o crânio totalmente liso. É o mesmo homem? O padre recalçado e o homossexual assumido são os dois rostos de uma mesma realidade.

– Nasci em Benevento, uma cidade da Campânia, um pouco ao norte de Nápoles – conta-me Lepore. – Os meus pais eram católicos, sem serem praticantes. Muito cedo, senti uma profunda atração religiosa. Gostava das igrejas.

Muitos padres homossexuais entrevistados descreveram-me esta “atração”. Uma procura misteriosa da graça.

PARA PERTENCER AO VATICANO, ADERE-SE AO “CÓDIGO DO ARMÁRIO”, QUE CONSISTE EM TOLERAR A HOMOSSEXUALIDADE DOS PADRES E BISPOS, EM GOZAR DELA, SE FOR ESSE O CASO, MAS A CONSERVÁ-LA SECRETA

O fascínio pelos sacramentos, o esplendor do tabernáculo, a sua cortina dupla, o cibório e o ostensório. A magia dos confessionários, cabinas de voto fantasmagóricas pelas promessas que lhes estão ligadas. As procissões, as recoleções, as auriflamas. E também os trajes de gala, os mantos, a sotaina, a alba, a estola. A vontade de desvendar o segredo das sacristias. E, depois, a música: as vésperas cantadas, a voz dos homens e a sonoridade dos órgãos. Sem esquecer os genuflexórios!

Muitos também me disseram que encontraram na Igreja “como uma segunda mãe”: e é consabido quanto o culto, sempre irracional e autoeletivo, da Santa Virgem é um grande clássico para esta confraria. Mamã! Inúmeros escritores homossexuais, de Marcel Proust a Pasolini, passando por Julien Green ou Roland Barthes, e até Jacques Maritain, cantaram o amor-paixão pela sua mãe, efusão de coração que foi não só essencial, como constituiu amizade uma das chaves da sua autocensura (foram numerosos, entre os escritores e os padres, aqueles que só aceitaram a sua homossexualidade após a morte da mãe). A mamã, que ficou sempre fiel ao seu menino, retribuindo-lhe esse amor, e cuidando do seu velho filho como se fosse a sua própria carne, compreendeu tudo, aliás.

PRIMEIRA REGRA: DISCRIÇÃO E COBERTURA

Compreendemos aqui a regra não escrita de *No Armário do Vaticano*: vale mais, para pertencer ao Vaticano, aderir a um código, o «código do armário», que consiste em tolerar a homossexualidade dos padres e dos bispos, em gozar dela, se for esse o caso, mas conservá-la secreta em todas as circunstâncias. A tolerância anda a par da discrição. E tal como Al Pacino, em *The Godfather*, nunca se deve criticar ou abandonar a sua “família”: “Don’t ever take sides against the family.” [Nunca tomes partido contra a família]

Como viria a descobrir no decurso desta longa investigação, ser gay, no clero, consiste em fazer parte de uma espécie de norma. A única linha amarela a não transpor é a da mediatização ou do ativismo. Ser homossexual é possível, no Vaticano, fácil, banal e até incentivado; mas a palavra e a visibilidade são interditas. Ser discretamente homossexual é fazer parte “da paróquia”; ser aquele através do qual chega o escândalo, é excluir-se da família.

SEGUNDA REGRA: HÁ MAIS HOMOSSEXUAIS NO TOPO

Claro que todos os percursos são singulares. Inúmeros padres italianos disseram-me que só tinham descoberto a sua homossexualidade depois da ordenação ou quando começaram a trabalhar no Vaticano. São mesmo muitos aqueles que só deram esse passo muito mais tarde, passados quarenta anos, ou durante a década de 1970.

A esta seleção sociológica dos padres junta-se uma seleção episcopal, que ainda amplia o fenómeno. Os cardeais homófilos privilegiam os prelados que têm inclinações que, por sua vez, escolhem padres gays. Os núncios, esses embaixadores do papa encarregados da seleção dos bispos, entre os quais a percentagem de homossexuais atinge recordes, realizam, por sua vez, uma seleção “natural”. Segundo todos os testemunhos que recolhi, os padres que têm inclinações seriam privilegiados, quando essa homofilia é percebida. Mais prosaicamente, não é raro que um

Revolução Francisco foi o primeiro papa a usar a palavra gay e não apenas homossexual



ALESSANDRA BENEDETTI - CORBIS / GETTY IMAGES

núncio ou um bispo promovendo um padre que pertence “à paróquia” porque espera dele um favor qualquer.

É a segunda regra de *No Armário do Vaticano*: A homossexualidade espalha-se à medida que nos aproximamos do santo dos santos; há cada vez mais homossexuais à medida que vamos subindo na hierarquia católica. No colégio cardinalício e no Vaticano, o processo preferencial teria tido êxito: a homossexualidade torna-se a regra, a heterossexualidade, a exceção.

TERCEIRA REGRA: CUIDADO COM OS MAIS HOMOFÓBICOS

Eis uma nova regra deste livro, *No Armário do Vaticano*, a terceira: Quanto mais veemente um prelado for contra os gays, quanto mais forte for a sua obsessão homofóbica, maior probabilidade existe de não estar a ser sincero e de a sua veemência nos esconder algo.

Foi assim que encontrei a solução para o problema da minha investigação construindo-a sobre a pantomima de Hamlet. O objetivo não é fazer o “outing”, por princípio, de homossexuais vivos, mesmo que sejam homofóbicos. Não quero pôr ninguém em causa nem, certamente, aumentar o drama dos padres, frades ou cardeais, que já vivem a sua homossexualidade – perto de uma centena deles confessaram-mo – no sofrimento e no medo. A minha abordagem é, para utilizar uma bela expressão em inglês, “non-judgmental”: não sou juiz! Logo, está fora de questão julgar esses padres gays. O seu número será uma revelação para inúmeros leitores, mas, a meus olhos, não é um escândalo, em si mesmo.

Se temos o direito de denunciar a sua hipocrisia – o que é o tema deste livro –, não se trata aqui de os censurar pela sua homossexualidade e é inútil referir demasiados nomes. O que é preciso, como diz o Poeta, é “inspecionar o invisível e ouvir o inaudito”. Por conseguinte, é pelo teatro daqueles que fazem “demasiados juramentos” e pelos “contos de fadas” de um sistema construído quase inteiramente sobre o segredo, que eu poderia explicar as coisas. Mas, neste estádio, como disse o Poeta, “só eu tenho a chave dessa parada selvagem!”

A VIDA EM SANTA MARTA, NO VATICANO

– Cheguei a Santa Marta no final do ano de 2003 – prossegue, num outro almoço, Francesco Lepore.

Embora seja o mais novo dos padres que trabalham na Santa Sé, passa a viver no meio dos cardeais, dos bispos e dos velhos núncios do Vaticano. Conhece-os todos; foi assistente de vários; mede a extensão dos seus talentos e das suas pequenas manias; desvendou os seus segredos.

– As pessoas que trabalhavam comigo viviam lá, e o próprio Mons. Georg Gänswein, que viria a ser o secretário particular do papa Bento XVI, também vivia connosco.

Lepore passa um ano na célebre residência que se revela ser palco de um homoerotismo espantoso.

– Santa Marta é um lugar de poder – explica-me. – Trata-se de uma grande encruzilhada de ambições e intrigas, um local onde há muita concorrência e inveja. É verdade que um número significativo de padres que lá vivem é formado por homossexuais e lembro-me de que, à hora das refeições, havia piadas incessantes sobre esse

tema. Davam-se nomes aos cardeais gays, feminizando-os, e isso fazia rir todos os que se encontravam à mesa. Conhecíamos os nomes dos que tinham um parceiro e dos que mandavam vir rapazes a Santa Marta para passarem a noite com eles. Muitos levavam uma vida dupla: padre no Vaticano, durante o dia; homossexual nos bares e clubes, à noite. Amiúde, esses prelados tinham o costume de tentar engatar os padres mais novos, como eu, os seminaristas, os guardas suíços ou então os leigos que trabalhavam no Vaticano.

Foram muitos os que me descreveram essas “refeições de maledicência”, onde os padres contam em voz alta histórias de corte e, baixinho, histórias de rapazes – que são frequentemente as mesmas. Ah, essas graçolas da Domus Sanctae Marthae! Ah, essas conversas em surdina que surpreendi na Domus Internationalis Paulus VI, na Domus Romana Sacerdotalis ou nos apartamentos do Vaticano, quando também eu lá me alojava e almoçava.

Francesco Lepore continua:

– Um dos prelados de Santa Marta trabalhava na secretaria de Estado e era próximo do cardeal Giovanni Battista Re. Nessa época, ele tinha um jovem amigo eslavo e deixava-o entrar frequentemente, à noite, na residência. Mais tarde, apresentou-no-lo como sendo membro da sua família: seu sobrinho. Claro que ninguém era parvo! Um dia, quando o padre foi promovido, os boatos multiplicaram-se. Houve, então, um esclarecimento público pelo cardeal Giovanni Battista Re e pelo bispo Fernando Filoni para confirmar que o jovem eslavo era realmente membro da sua família e o assunto foi encerrado!

Como tal, a omnipresença dos homossexuais no Vaticano não é uma questão de deriva, de “ovelhas ronzosas”, de “ovelhas negras” ou de “rede que contém mau peixe”, como disse Joseph Ratzinger. Não é nem um “lóbi”, nem uma dissidência; também não é uma seita ou uma franco-maçonaria no seio da Santa Sé: é um sistema. Não é uma pequena minoria; é uma grande maioria.

Neste estádio da conversa, pergunto a Francesco Lepore qual é, segundo ele, a importância dessa comunidade, incluindo todas as tendências, no Vaticano.

– Penso que a percentagem é muito elevada. Diria que ronda os 80% – garante-me.

O QUE SE PASSA EM PORTUGAL

Quando das minhas viagens a este pequeno país católico, fiquei surpreendido com esta moderação política: as questões sociais discutem-se educadamente e a homossexualidade parece banalizar-se em toda a discrição, até nas igrejas. Por vezes, há mulheres que desempenham mesmo certas funções dos padres, devido à crise das vocações, executando todas as tarefas, com exclusão dos sacramentos. Inúmeros padres católicos também são casados, em especial os anglicanos convertidos, que já viviam em casal, antes de se juntarem à Igreja de Roma. Também me encontrei com vários padres e monges homossexuais, que parecem viver a sua singularidade de uma forma serena, nomeadamente nos mosteiros. A paróquia de Santa Isabel, no coração de Lisboa, acolhe com benevolência todos os casais de todos os géneros. Um dos mais destacados tradutores da Bíblia (Septuaginta), do grego para o português, Frederico Lourenço, professor universitário, casou-se publicamente com o seu companheiro.

Segredo Livro desvenda mundo de hipocrisia entre os cardeais que vivem vidas duplas



Este liberalismo suave não escapou a Roma: a neutralidade do episcopado de Lisboa quanto às questões de sociedade desagradou, o mesmo se passando com a sua fraca mobilização contra a lei sobre o casamento. Roma esperava vingar-se; o cardeal Policarpo forneceu-lhe o pretexto para tal.

Por ocasião de uma entrevista considerada demasiado liberal (nomeadamente sobre a questão da ordenação das mulheres), Policarpo foi chamado a Roma, a pedido do papa Bento XVI, pelo secretário de Estado Tarcisio Bertone. Aí, segundo fontes concordantes (e uma investigação pormenorizada sobre o caso pelo jornalista António Marujo no jornal *Público*), Bertone deu uma descompostura ao cardeal que teve de publicar um comunicado para moderar a sua moderação. O papa esperava, o mais rapidamente possível, virar a página Policarpo.

Nessa época, o homem-chave de Bento XVI em Portugal é o bispo auxiliar de Lisboa e vice-reitor da Universidade Católica, Carlos Azevedo. Organizador da viagem do papa em 2010, que foi decidida oportunamente para tentar contrariar a lei sobre o casamento, Azevedo torna-se a figura em ascensão na Igreja portuguesa. O papa Bento XVI tem grandes ambições para o seu protegido: pretende criá-lo cardeal e nomeá-lo patriarca de Lisboa, em vez do incontrolável Policarpo. Tendo sido durante muito tempo capelão dos hospitais, Azevedo não é verdadeiramente liberal, nem totalmente conservador; é respeitado intelectualmente por todos e a sua ascensão parece já não poder ser travada, a partir do momento em que deu nas vistas do papa.

– O bispo Azevedo era uma voz muito ouvida, muito



VATICAN POOL / GETTY IMAGES



Revelações
 O trabalho de investigação da VISÃO sobre D. Carlos de Azevedo, publicado em 2013, é citado neste livro

EMERGE ASSIM PELA PRIMEIRA VEZ, NA HISTÓRIA RECENTE DE PORTUGAL, A POSSÍVEL HOMOSSEXUALIDADE DE UM BISPO, ALGO QUE CHEGA PARA ESCANDALIZAR



respeitada – sublinha o antigo ministro Guilherme d'Oliveira Martins.

Todavia, Bento XVI escolhera, uma vez mais, um “closeted”! Podemos mesmo ironizar relativamente ao virtuosismo do papa, perito a contragosto na arte de se rodear de homossexuais que serão “outed” pela sua vida dupla. Porque os rumores sobre a homossexualidade de Azevedo surgem rapidamente, alimentados por um prelado metido no armário. Os rumores são tais que a carreira de Azevedo fica comprometida.

Magnânimos para com os prelados que têm tendências, ativas ou não, os próximos de Ratzinger chamam a Roma o bispo Azevedo para o fazer sair da armadilha em que se deixou apanhar. Criam um cargo à medida e encontram um título para o infeliz prelado, graças à grande compreensão do cardeal Gianfranco Ravasi, que conhece a partitura: o bispo no exílio é nomeado “delegato” do Conselho Pontifício para a Cultura, em Roma. Pouco tempo depois desta exfiltração artística, um dos principais semanários portugueses, a revista *Visão*, publica uma investigação pormenorizada sobre a homossexualidade de Azevedo no tempo em que vivia no Porto. Emerge assim pela primeira vez, na história recente de Portugal, a possível homossexualidade de um bispo, algo que chega para escandalizar – e ostracizar definitivamente o pobre prelado. Azevedo é abandonado por todos os seus amigos portugueses, repudiado pelo núncio e abandonado à sua sorte pelo cardeal Policarpo, porque apoiá-lo seria correr o risco de ser, por sua vez, apontado a dedo.

Na verdade, se existe realmente um “escândalo Azevedo”, não é onde poderíamos pensar: não tanto na eventual homossexualidade de um arcebispo, como na chantagem de que foi alvo e no seu abandono por vários prelados que partilhavam as suas inclinações.

– Azevedo foi vítima de uma chantagem e de uma vingança. Mas não foi defendido pelo episcopado como poderíamos ter imaginado – confirma-me Jorge Wemans, um dos fundadores do diário *Público*.

Falei várias vezes, em Roma, com o arcebispo português que me contou a sua vida, os seus erros e o seu exílio infeliz. Hoje, passa os dias no Conselho Pontifício para a Cultura e duas tardes por semana na biblioteca do Vaticano, onde faz investigação histórica sobre figuras religiosas portuguesas da Idade Média. É um homem moderado, tolerante, perito em ecumenismo: é um intelectual – há tão poucos no Vaticano.

E, ao escrever estas linhas, penso nesse bispo inteligente cuja carreira foi destruída. Não pôde defender-se, nem defender a sua causa perante o núncio italiano colocado em Lisboa, um rígido conservador estetizante, cuja hipocrisia em relação ao caso ultrapassa a imaginação. Muito digno, Azevedo nunca falou publicamente do seu drama, que o foi ainda mais porque era, diz-me, “diretor espiritual” daquele que o acusou, acrescentando que “o rapaz era maior e nunca houve abusos sexuais”.

Afinal de contas, a Igreja de Roma não deveria ter defendido o bispo vítima? E, afinal, se existisse uma moral na Igreja do papa Francisco, Carlos Azevedo não deveria ser nomeado hoje patriarca de Lisboa e cardeal, como pensa a maior parte dos padres e jornalistas católicos com que me encontrei em Portugal? Um país onde o casamento gay foi aprovado definitivamente em 2010. ■